

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.010](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.010)

CONCEPÇÕES DE SENTIDO DE VIDA E DE MORTE EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE/ PB

Ludwig Félix Machado Leal

Mestre em psicologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicologoludwigleal@gmail.com;

Misia Carolyne Pereira de Morais

Mestre em psicologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, misiacarolyne@gmail.com;

RESUMO

O presente trabalho objetiva identificar as concepções de sentido de vida e de morte em crianças em idade escolar da Escola Estadual Murilo Braga, no município de Campina Grande, Paraíba. A relevância do projeto reflete a importância de discutir questões existenciais com crianças, como forma de preparo psicológico, preventivo e de compreensão de situações relacionadas, em especial, à vida e à morte, tendo em vista a limitação de pesquisas desenvolvidas na área. A visão de sujeito que norteará esta pesquisa advém da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl, que compreende o ser humano constituído das dimensões biológica, psicológica e noética, sendo, esta, a esfera sadia do sujeito, centro espiritual existencial do sujeito. A pesquisa é de cunho qualitativo descritivo, com base na análise temática do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) em que o DSC é composto dos fragmentos de discursos individuais agrupados por semelhança de sentidos. A amostra é não aleatória e contou com a participação de 20 crianças de ambos os sexos, com idade entre 07 a 10 anos. Pretende-se, com tal pesquisa, além da apresentação empírica da importância da discussão de questões existenciais, ainda na infância, a ascensão de

discussões acerca do tema e uma melhor compreensão da morte no imaginário das crianças.

Palavras chaves: Sentido de vida; Sentido de morte; Crianças; Logoterapia.

INTRODUÇÃO

A morte faz parte do desenvolvimento humano e sua percepção, não só nos diferencia enquanto seres humanos, como nos ajuda a significar a importância da nossa existência. Tal percepção não se desenvolve apenas na vida adulta, sendo percebida e elaborada desde a mais tenra idade (RAMOS; SENGIK, 2013).

De acordo com Ramos e Sengik (2013), o significado da morte varia conforme a idade e a experiência. No entanto, pelo fato de a maioria das culturas imporem resistência em discutir questões sobre a finitude da existência, a morte passou a fazer, mais fortemente, do universo das representações, por sua vez repassadas às crianças do mesmo espaço cultural. Desta forma, quando se fala de morte para crianças, comumente assume-se uma postura eufêmica, mítica, metafórica ou de omissão e mentira, justificando, a exemplo, que “a morte é quando alguém vai descansar, está no céu, virou uma estrela”.

Para Kovacs (2002), a criança tem uma capacidade de observação e elaboração que permite a ela compreender a morte. No entanto, essa postura adotada pelos adultos, que, apesar de ter intenção de auxiliar o processo elaborativo do luto na infância, termina por provocar confusão ou incompreensão.

Compreende-se que a morte permite uma maior valorização das relações e da própria vida do sujeito, contribuindo para uma maior reflexão e necessidade de significação de suas ações, desembocando em escolhas mais dotadas de sentido. Assim, falar de maneira clara sobre a morte pode contribuir para essa melhor compreensão (KOVACS, 2002).

De acordo com Vendruscolo (2005), para a compreensão da morte ocorrer na infância é importante a percepção de três aspectos: a ideia de irreversibilidade da morte, ou seja, a morte tem caráter irreversível, uma vez morto, não se pode voltar a viver; a ideia de não-funcionalidade, em que estar morto implica, automaticamente que não há vida, quando existe morte, não existe vida e quando existe vida, não existe morte; por fim, a ideia de universalidade, ou seja, tudo que vive, morre.

As pesquisas referentes à maneira como as crianças percebem ou representam a morte ainda são incipientes. Segundo

Ramos e Sengik (2013) as pesquisas existentes são focadas, especificamente, em crianças que vivenciaram alguma perda recente, principalmente na família, ou crianças em situação terminal. Isso explicita, não apenas uma resistência de atuação acadêmica nesse âmbito de pesquisa, bem como uma ideia de que a discussão sobre a morte não deve ser algo natural, durante seu desenvolvimento, mas apenas discutido quando a criança vivencia uma situação de perda ou iminência da morte.

Sabendo que Viktor Frankl, sempre trabalhou com profundas e sábias metáforas para explicar os fundamentos teóricos da Logoterapia, a pesquisa que se intenta neste projeto buscará entender as concepções de morte (a morte para mim é....) ou suas representações (a morte para mim é como...) em crianças em situações existenciais normais, descortinando, ainda, as implicações dessas concepções/representações sobre o sentido da vida.

O objetivo da presente pesquisa foi identificar as concepções e representações da morte e suas implicações sobre o sentido de vida, em crianças em idade escolar do Município de Campina Grande-PB. Para alcançar o objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos: investigar o que as crianças compreendem por morrer (sua concepção); investigar como as crianças representam a morte e por fim evidenciar qual a relação existente entre as concepções/representações da morte e o sentido de vida.

METODOLOGIA

BASE TEÓRICA E EPISTEMOLÓGICA

A visão de sujeito que norteou esta pesquisa advém da Logoterapia e Análise Existencial, segundo as quais o sujeito não se compõe de apenas duas dimensões, a física e a psíquica, mas, sim, de três, acrescentando a dimensão noética, ou espiritual (FRANKL, 2003; XAUSA, 2011). Tal dimensão constitui a essência do homem, sendo a esfera sadia do sujeito, de onde emergem os valores, a religiosidade e a vontade de sentido. (cf. FRANKL, 2003; LUKAS, 1989)

No tocante à área infantil da Logoterapia, a compreensão da criança está pautada no princípio da liberdade e responsabilidade proposta por Frankl. Martinez (209) pontua que a criança tem

demandas existenciais, a partir do seu processo de maturação psicológica e do processo de autoconsciência. Dessa forma, a criança consegue, não só questionar sobre aspectos metafísicos, mas posicionar-se também.

O postulado frankliano de que o homem é um sujeito único e irrepetível coaduna com a proposição de Martínez (2009) de que a criança compreende esse fato e, aos poucos, vai desenvolvendo sua autonomia diante de seus pais.

A partir do pressuposto de que a consciência é o órgão de sentido, o processo de autoconsciência permite à criança compreender a si mesma, o mundo que a circunda e seu papel nele, contribuindo para uma maior percepção de sentido. Seu desenvolvimento contempla quatro tipos de autoconsciência, a saber: biológica (percepção dos processos biológicos e integração com o organismo psicofísico), psicológica (se refere à consciência dos processos psicológicos básicos), ontológica ou reflexa (consciência que descobre o ser que é, constitui uma racionalização e está relacionado à consciência ética); e espiritual ou noética (direcionada à expressão de liberdade e responsabilidade de nossas ações, valores e decisões da vida diária) (MARTÍNEZ, 2009).

Assim, pensar sobre o sentido da morte, seja em adultos ou crianças, pressupõe o direcionamento do sujeito a pensar também sobre o sentido na vida, que, segundo Frankl (2011), corresponde ao sentido que se percebe nas experiências e nas vivências cotidianas. A partir do momento em que o homem tem ciência de sua própria finitude, isso provoca nele a necessidade de significar suas escolhas. Dessa forma, segundo Frankl (2011) perceber o sentido da morte está diretamente relacionado à percepção do sentido de vida.

MÉTODO DE ABORDAGEM

Esta pesquisa é de cunho qualitativo descritivo, com base na análise temática do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003; 2006) e Lefèvre, Lefèvre e Marques (2009) para ser aplicada em estudos da área da saúde. De acordo com Gondim e Fischer (2009) o DSC constitui-se como discurso síntese, composto dos fragmentos de discursos individuais agrupados por semelhança de sentidos. Para análise do campo das representações

pictóricas serão utilizados autores como Yves Durand (1988), Gilbert Durand (2002), Michel Cazenave (2000) e Carl Jung (2008), através dos quais corrobora a ideia de que os símbolos são evidências de universos arquetípicos e míticos vivenciados pela humanidade ao longo dos anos.

POPULAÇÃO

A amostra da pesquisa é não aleatória. Participaram desta pesquisa cerca de 20 crianças de ambos os sexos, com idade entre 09 a 11 anos, alunos regularmente matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental Murilo Braga, localizado no município de Campina Grande/PB.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Como critérios de inclusão e exclusão se fez necessário que os voluntários deste estudo fossem crianças de idade entre 09 a 11 anos, em período escolar. Os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados: questionário sócio-demográfico e entrevistas semi-estruturadas, construídos de acordo com os objetivos e metas a que o projeto se destina, com as seguintes perguntas: *“O que é a morte para você?”; O que acontece com as pessoas quando elas morrem?; O que as pessoas deveriam fazer antes de morrer?*

As crianças já tiveram contato anteriormente com os pesquisadores e, ainda assim, antes das perguntas serem realizadas, houve uma introdução como forma de “quebrar o gelo” e introduzir a temática a partir de um conto denominado “O Lobo e o Lenhador”. (Apêndice A).

PROCEDIMENTO DA COLETA DE DADOS

Após as fases de leitura e estudo de textos e elaboração das entrevistas e questionário que foram utilizados na pesquisa,

o projeto foi submetido ao Comitê de Ética para pesquisas envolvendo seres humanos, conforme resolução CNS/MS 466/12. O procedimento de coleta de dados foi iniciado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Murilo Braga, localizada no município de Campina Grande.

A etapa seguinte consistiu na apresentação dos objetivos da pesquisa aos responsáveis dos participantes da pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi fornecido aos responsáveis, especificando a liberdade de participação ou não do estudo. Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa terão sigilo e anonimato garantidos, segundo a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Dessa forma, a coleta de dados ocorreu na escola que frequentam os alunos, de forma coletiva, em que os pesquisadores se dividiram em duas duplas e, assim, fizeram as entrevistas de forma individual, em uma sala disponibilizada pela coordenadora da escola.

PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas foi realizada através da técnica de análise do discurso do sujeito coletivo, que propõe a organização, separação e categorização de dados discursivos, neste caso, de depoimentos orais. Esse procedimento envolve a seleção de expressões-chave, a identificação da ideia central e a relação de ambas. A seleção de expressões chave será evidenciada nos discursos individuais, das respostas fornecidas para cada pergunta, sendo, assim, a ideia central do conteúdo discursivo.

A identificação da ideia central de cada uma dessas expressões-chave corresponde ao que os participantes quiseram efetivamente dizer. Enquanto na etapa de expressões chave prioriza-se a literabilidade do discurso, onde a identificação da ideia central é feita pelo pesquisador. Por fim relacionam-se as expressões-chave referentes às ideias centrais semelhantes ou integrantes em um discurso sintetizado, que corresponderá ao discurso do sujeito coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira pergunta feita para as crianças foi: “O que é a morte para você?”. Em resposta a essa pergunta obteve-se com maior frequência 03 ideias centrais, as ideias centrais “Algo ruim” e “Noção de irreversibilidade da morte” obtiveram maior frequência (40%), como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 01: Expressões-chave e ideias centrais acerca do conceito de morte para as crianças

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
01	“Porque não gosto quando as pessoas morrem.”		
03	“É ruim. Eu chorei muito. Senti uma dor no coração.”		
04	“Uma coisa ruim, eu não quero morrer. Porque deve ser ruim, quero ficar vivo.”	Algo ruim	40%
06	“É uma coisa muito ruim que acontece com as pessoas. Porque tem muito sofrimento na que morreu e na que está na terra.”		
02	“É ruim. Porque quando morre alguém na família, a gente quer de volta e não tem.”		
05	“É morrer e não viver mais. Perder a vida pra sempre.”	Noção de irreversibilidade da morte	40%
07	“É perder a vida, é virar pó”.		
10	“Porque se morrer não volta mais”.		
08	“É uma tristeza muito grande. Não queria que morresse.”		
09	“É muito triste. Quando a pessoa morre fica de coração partido porque ama muito.”	Tristeza	20%

Fonte: os autores

A ideia central “Algo ruim” evidencia que as crianças já possuem certa compreensão sobre a morte e ligam a morte a aspectos negativos, como fica expresso na fala do sujeito 6.

Segundo Hohendorff (2009), a compreensão que temos sobre a morte é dinâmica ao longo da vida, desde muito cedo temos contato com mortes ou perdas, mas é a partir da adolescência que se

tem melhor entendimento sobre a morte. E apesar de concebermos a morte como inevitável a maioria das pessoas querem evitá-la, a morte faz parte de um contexto de negação, ainda destaca-se que além da influência das capacidades cognitivas durante o desenvolvimento do sujeito, as experiências em relação à morte e a forma como a morte é representada da cultura que a criança faz parte influencia a forma em que a mesma compreende a morte.

A compreensão que temos sobre a morte, a consciência sobre nossa finitude é o que nos diferencia dos demais animais. Durante toda nossa vida estamos cercados de avisos que nos mostram a morte como inevitável, mas ainda assim, as pessoas tentam passar pela vida sem prestar maior atenção a morte e tentam evitá-la, alguns dos motivos para isso parece ser que a consciência da morte provoca incômodo, perturbação, angústia, dores e medos, devido ao seu caráter de desconhecida, incerta e incontrolável. Essa negação sobre a morte fica expresso no discurso do sujeito 4 (KROEF, 2014).

Dessa forma podemos construir o discurso do sujeito coletivo da ideia central “Algo ruim” como: A morte “é uma coisa muito ruim, é uma tristeza muito grande, sente uma dor no coração”.

A segunda categoria mais frequente tem como ideia central “Noção de irreversibilidade da morte”, nessa categoria fica expresso a impossibilidade de se ter volta alguém que já morreu, é possível perceber a compreensão da morte como algo irreversível, a exemplo nas falas do sujeito 5 e 10.

Estudos mostram que a criança a partir de suas experiências vão criando suas próprias concepções sobre a morte de acordo com seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, e é somente a partir dos 5 anos de idade que a criança começa a desenvolver a noção de irreversibilidade, mas ainda não compreende a morte como universal. A partir dos 9 anos essas capacidades se consolidam e as crianças já relacionam a morte também com a cessão das atividades corpóreas e já compreende que ela também pode morrer. (VENDRUSCOLO, 2005).

A noção de irreversibilidade se refere a compreensão de que quando uma pessoa morre não há a possibilidade dela voltar a viver. Estando assim associado também a ideia da morte como algo final e permanente, embora, por outro lado, algumas crianças possuem

a concepção que existe uma vida espiritual, podendo acreditar que embora a morte seja irreversível a pessoa morta continuaria vivendo espiritualmente (NUNES, 1998).

Assim sendo, o discurso do sujeito coletivo da ideia central “Noção de irreversibilidade da morte” pode ser construída da seguinte forma: A morte “é perder a vida para sempre, é virar pó, porque se morrer não volta mais”.

A terceira ideia central que se obteve a partir das respostas foi “tristeza”, através dela é possível perceber a morte associada ao sentimento de tristeza, e dor de perder uma pessoa que ama, como fica exposto na fala do sujeito 9.

O impacto de perder alguém significativo, que fazia parte do contexto da criança traz vários impactos, é importante compreender que a criança também passa por uma fase de luto. Muitas pessoas ainda acreditam que se não conversar com a criança sobre o assunto a criança não irá sofrer. Mas falar sobre a morte não irá aumentar a dor da criança, na verdade tende a amenizar o sofrimento além de ajudar a criança na elaboração do luto. Falar com as crianças de maneira natural, sincera, sobre seus sentimentos, pensamentos ajuda a criança a se sentir amparada e a superar a perda (SENGIK; RAMOS, 2013)

Trabalhar os valores de atitude pode ajudar a criança na superação da perda de alguém, os valores de atitude se refere a postura ativa do sujeito que está sendo confrontado por algo além dele, os valores de atitude ajudam a superar a chama tríade trágica: dor, culpa e morte (PAREJA HERRERA, 2007). Nesse aspecto ainda aprendemos compreender o sentido do sofrimento, através dele o sujeito pode crescer e amadurecer, a tristeza e o luto tem o sentido e a capacidade de fazer com que continue a existir de algum modo aquilo que já passou ou alguém que perdemos (FRANKL, 1973). Nesse sentido, o discurso do sujeito coletivo da ideia central “tristeza”, é expresso da seguinte forma: A morte “É uma tristeza muito grande”.

A segunda pergunta realizada no questionário foi “O que acontece com as pessoas quando elas morrem?” que teve como maior frequência as ideias centrais de “Ritual do velório” e “Destinadas a algum lugar”, seguido de “Tristeza para os que ficam. Sofrimento.”

e “Incerteza sobre o lugar. Dúvida”. Dados apresentados na tabela abaixo:

Tabela 02: Expressões-chave e ideias centrais sobre o que acontece com as pessoas quando elas morrem

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
07	“Quando a pessoa fica muito dentro de um caixão vira pó, fica só os ossos”.		28,57%
02	“Ela vai pro caixão e depois enterra. Aí tem uns bichinhos na terra que come a pele”.	Ritual do velório.	
03	“Ela vai pro caixão e depois enterra”.		
05	Fica no caixão e o povo chora, aí depois vai enterrar”.		
01	“Minha mãe. Ela disse que tem umas que vai pro céu e umas vão ficar com o diabo, as que não acreditam em Deus”.		28,57%
09	“Vai pro céu, tem umas que vai pro chão. Pessoa boa vai pro céu, pessoa ruim vai pro diabo”.	Destinadas a algum lugar	
10	“Ela vai pra algum canto ficar sossegado. Lá no céu. Fica um anjo, olhando e protegendo a gente”.		
04	“Elas vão pro céu porque são boas”.		
06	“Porque tem muito sofrimento na que morreu e na que está na terra”.		
09	“A família fica muito triste, os filhos e também a mulher que tem filho, muito triste quando a mãe morre e deixa o filho”.	Tristeza para os que ficam. Sofrimento.	21,43%
10	“Os outros ficam triste”		
05	“Fica no caixão e o povo chora, aí depois vai enterrar”.		
02	“Não sei se as pessoas vão pro céu como o povo diz”	Incerteza sobre o lugar.	21,43%
03	“Não sei se vão pro céu ou não”	Dúvida.	

Fonte: os autores

A ideia central “Ritual do velório” que apresenta um conceito de decomposição do corpo biológico após o enterro denota

um respeito as tradições bem como a religiosidade que o rito representa na vida das crianças entrevistadas; os rituais estão diretamente relacionados aos valores cultivados pelos indivíduos tendo uma representação de crenças e atitudes, segundo Tomasi (2014), a ritualização ao falecido é uma forma de dar sentido a morte tanto ao falecido como a nossa própria morte, sendo algo característico apenas no ser humano.

Os rituais mortuários estão intimamente ligadas ao entendimento do homem como ser. Ao longo da história as civilizações tentaram construir uma gama de rituais para dar sentido a morte refletindo a espiritualidade e valores dos indivíduos, segundo Saporeti & Silva (2009) os ritos mortuários além de tranquilizarem e prolongarem a memória do falecido também nos encaminha a transcendência fazendo com que consigamos reconhecer a irreversibilidade da morte. , todo o ritual em todas as suas dimensões estão relacionados aos valores do sujeito a percepção de decomposição que as crianças entrevistadas emitiram. O discurso do sujeito coletivo da ideia central *ritual do velório*, expressa-se da seguinte forma:

Quando a pessoas morre *“Ela vai pro caixão e depois enterra. Ai tem uns bichinhos na terra que come a pele, ficam só os ossos.”*

Com a mesma frequência que a anterior, a ideia central de ir para outro lugar, que está relacionado com as ações em vida, coloca como a religiosidade é intrínseca ao ser humano em sua busca de sentido, sendo os indivíduos permeado por valores, que ao longo de sua vida são decisivos na formação psicofísica do sujeito.

O discurso permeado por *“Vai pro céu, tem umas que vai pro chão. Pessoa boa vai pro céu, pessoa ruim vai pro diabo”* do sujeito 9 deixa evidente o fato de que os valores a moral e a religião são relacionados a morbidade, sendo características geradoras de sentido nos sujeitos. A religião se mostra como estrutura norteadora do que é bondade para alguns sujeitos como visto no discurso do sujeito 1: *“Minha mãe...Ela disse que tem umas que vai pro céu e umas vão ficar com o diabo, as que não acreditam em Deus”* onde ser dotado de determinada religiosidade é o pressuposto fundamental para que se alcance o céu, o discurso da criança é dotado não somente de valores pessoais mas também de um tradição passada para ela ao longo da construção de seus valores pessoais, onde a autotranscendência do sujeito ocorre no serviço a crença, tendo a religiosidade

como o determinante da moral e dos valores bem como das ações que se toma ao longo da vida, significando a morte como um caminho relativo a vivencia que se teve na terra, entretanto entendendo a morte como uma etapa e uma “libertação do corpo físico” Dias (2009). Desse modo, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *destinadas a algum lugar* expressa-se da seguinte forma:

Quando a pessoas morre “*Vai pro céu, tem umas que vai pro chão. Pessoa boa vai pro céu, pessoa ruim vai pro diabo.*”

Com menor frequência, uma das ideias centrais apresentam que as crianças entendem que as pessoas ficam triste quando alguém morre, e que esse movimento lhe causa um sofrimento. Vendruscolo (2005) coloca que entre 9 e 10 anos, as crianças já percebem que a morte envolve o fim das ações precisamente vitais e das atividades corpóreas e há diminuição do pensamento mágico. E esse processo gera na criança sofrimento, expresso por Bromberg (1998), colocando que já que a partir dos nove anos a criança tem idade suficiente para se vincular, consciência da possibilidade de perder a pessoa amada e de ter os vínculos rompidos. Sendo que a morte de uma pessoa significativa é uma perda irreversível que causa dor intensa às pessoas próximas. (SENGIK, RAMOS, 2013) Essa ideia se expressa no discurso do sujeito 6 que fala “*Porque tem muito sofrimento na que morreu e na que está na terra.*”

Ainda sobre a ideia de sofrimento nas crianças, Kovacs apud Torres (1992) traz que elas reconhecem a morte como um processo interno, em que o corpo paralisa suas atividades. E conseguem perceber com o caráter universal, definindo a morte como parte da vida. A morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a sua, mas é vivida como uma troca, e experienciada como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos e a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível. (KOVACS, 1992) E nos discursos se expressa através da fala do sujeito 8 que coloca “*A família fica muito triste, os filhos e também a mulher que tem filho, muito triste quando a mãe morre e deixa o filho*”. Nesse sentido, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *Tristeza para os que ficam*. *Sufrimento* expressa-se da seguinte forma:

Quando a pessoas morrem *“tem muito sofrimento na que morreu e na que está na terra”*.

Os entrevistados também demonstraram uma ideia central de dúvida, apesar de compreenderem o acontecimento, que é a morte, as crianças não formularam uma ideologia para o que acontece depois da morte, alguns discursos demonstram essa incerteza do que acontece frente ao que foi comumente ensinada a elas como por exemplo: *“Não sei se as pessoas vão pro céu como o povo diz”*, já em outro caso a criança não se coloca no lugar de alguém que pode determinar o local que o sujeito vai ao falecer, entretanto replica o discurso religioso moral e valorativo: *“Sofrimento por não saber porque não sei se ela vai pro céu ou pro inferno”*.

As dúvidas são reflexo da vontade de sentido intrínseca aos seres humanos, demonstrando que independentemente da idade o sujeito vive a buscar o sentido na vida, e é na morte que podemos dota-la de sentido, significar e refletir sobre a morte é único para os seres humanos, significar o sofrimento principalmente na morte é o que nos diferencia dos demais animais. Dessa forma, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *Incerteza sobre o lugar. Dúvida* expressa-se da seguinte forma: *Quando a pessoas morre “Não sei se ela vai pro céu ou pro inferno”*

No terceiro item do questionário, em que foi perguntado *O que as pessoas deveriam fazer antes de morrer*, quatro ideias centrais obtiveram maior frequência: fazer atos de religiosidade, estreitar laços, ser feliz e cuidar de si. Como exposto na tabela abaixo:

Tabela 03: Expressões-chave e ideias centrais acerca do que as pessoas devem fazer antes de morrer

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
01	<i>“Rezar, eu rezo antes de dormir com minha mãe”</i> .		
05	<i>“Orar”</i> .	Atos de religiosidade	26,66%
08	<i>“Rezar muito...”</i>		
06	<i>“Pedir perdão pelos pecados e ler a biblia.”</i>		

Sujeito	Expressões-chave	Ideias centrais	Frequência
02	"Ter respeito com as pessoas."		
04	"Se divertir, ficar com a família."		
06	"Elas deviam ajudar uns aos outros"	Estreitar laços	40%
07	"Ficar mais com a família... deixar eles felizes."		
08	"fazer bem às pessoas."		
10	"Se despedir do próximo, fazer amizade"		
03	"Elas têm que ser feliz"		
07	"Ser feliz"	Ser feliz	20%
10	"Não ir pro céu triste, com alguma angústia no peito"		
01	"Elas tem que ir pro hospital..."	Cuidado de si	13,34%
02	"Elas deveriam se cuidar."		

A primeira ideia central se refere aos atos religiosos e mostra que as crianças relacionam a morte com crenças religiosas. Como observa-se, os sujeitos nessa categoria acreditam que devem "Rezar muito... Pedir perdão pelos pecados e ler a bíblia" antes de morrer. Ao serem questionadas acerca do motivo pelo qual fazem a relação da morte com atos religiosos, as crianças afirmaram que essas ideias vêm de seus pais ou familiares. Segundo Dessen e Polonia (2007), a família é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de valores, perspectivas e padrões de pensamentos e crenças, influenciando principalmente as concepções da criança sobre a morte.

Além disso, a herança da cultura ocidental cristã, surgida na Idade Média, ainda influencia a percepção que muitas pessoas têm sobre o assunto, sendo uma das formas de buscar proteção para o momento da morte, o ato de frequentar as missas que encomendavam a alma do morto, as conhecidas missas de corpo presente (KOVACS, 2002), uma prática cultural que foi transmitida por séculos, fazendo com que muitas gerações buscassem auxílio nas religiões para compreender o processo de morrer. Nessa direção, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *atos de religiosidade* expressa-se da seguinte forma:

Antes de morrer as pessoas deveriam “*Rezar muito... Pedir perdão pelos pecados e ler a bíblia*”.

A segunda ideia central mostra que as crianças acreditam que devem ficar mais com a família, deixá-los felizes, ter respeito com as pessoas e fazer amizade antes de morrer. Segundo os discursos dos sujeitos 4 e 7, percebe-se que muitas crianças relacionam a morte com a separação de pessoas queridas e sofrem com a ideia de perder os familiares. Segundo Mazorra (2001, *apud* HOHENDORF E MELO, 2009), a morte de um familiar ou ente querido se caracteriza como uma das experiências de maior impacto sobre a criança, podendo desencadear quadros psicopatológicos durante toda a vida. De acordo com estudos, existe uma evidência de associação entre trauma na infância relativa a perdas, tais como de irmãos ou genitores, e depressão na vida adulta (ZAVASCHI *et. al.* 2002, *apud* HOHENDORF E MELO, 2009).

A morte de uma pessoa significativa é uma perda irreversível que causa dor intensa às pessoas próximas. Porém parece ainda mais difícil abordar o assunto quando envolve crianças, especialmente, porque podem sentir a ausência da pessoa falecida como uma ameaça de rompimento com outras figuras de apego (SENGIK E RAMOS, 2013). Nesse sentido, falar sobre morte com crianças, especialmente quando se trata da morte de algum familiar é um grande tabu. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. Para Kovacs (2002), o que ocorre quando não há uma conversa sobre o assunto é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. Sendo assim, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *estretitar laços* expressa-se da seguinte forma:

Antes de morrer as pessoas deveriam “*ficar mais com a família, deixar eles felizes, ter respeito com as pessoas e fazer amizade*”.

A terceira ideia central se refere à felicidade. Segundo os sujeitos nessa categoria, as pessoas devem ser felizes e se divertir antes de morrer para não ir pro céu triste. Mais uma vez a questão religiosa aparece influenciando outras ideias e concepções sobre a morte. De acordo com Ramos e Sengik (2013), o significado da morte varia conforme a idade e a experiência. No entanto, pelo fato de a maioria das culturas imporem resistência em discutir questões

sobre a finitude da existência, a morte passou a fazer, mais fortemente, do universo das representações, por sua vez repassadas às crianças do mesmo espaço cultural. Desta forma, quando se fala de morte para crianças, comumente assume-se uma postura eufêmica, mítica, metafórica ou de omissão e mentira, justificando, a exemplo, que “a morte é quando alguém vai descansar, está no céu, virou uma estrela”, como observa-se na fala do sujeito 10.

Pode-se inferir também que as crianças, por já terem uma noção de irreversibilidade da morte devido faixa etária, acreditam que devem aproveitar a vida como uma oportunidade única para ser feliz, porque talvez não possam fazer depois da morte o que podem fazer em vida. Portanto, o discurso do sujeito coletivo da ideia central *ser feliz* expressa-se da seguinte forma:

Antes de morrer as pessoas deveriam “*Elas têm que ser feliz, se divertir, não ir pro céu triste*”.

Já o discurso do sujeito coletivo da ideia central *cuidar de si* expressa-se da seguinte forma:

Antes de morrer as pessoas deveriam “*Ir ao hospital e se cuidar*”.

Segundo os sujeitos 1 e 2, as pessoas devem ir ao hospital e se cuidar antes de morrer. Sabe-se que o hospital é o lugar onde as pessoas buscam ajuda para restituir a saúde. Entretanto, a vida também pode chegar ao fim neste local. Segundo Okamoto (2004) *apud* HOHENDORF E MELO (2009), atualmente, é cada vez mais frequente que a morte venha ocorrer em hospitais, o que justifica a associação das crianças em procurar um hospital diante da necessidade de cuidar de si, vendo esse espaço como sendo de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho pode-se concluir que apesar do tabu que é falar sobre morte com as crianças as mesmas possuem diversas ideias sobre o que seja a morte e sobre o que acontece com as pessoas após o falecimento, pois, apesar de muitas vezes os adultos se omitirem verbalmente as crianças percebem as mudanças que ocorrem quando alguém próximo morre, as mudanças emocionais dos que ficam, a ausência de quem era próximo e os demais rituais que acontecem. O mundo globalizado também influencia as

representações que as crianças criam sobre a morte, pois, por mais que nenhuma pessoa próxima tenha morrido muito provavelmente ela já viu alguma representação em filmes, desenhos ou novelas.

Devido a tais fatos se torna indispensável falar com as crianças sobre o assunto, muitas vezes a criança quer e precisa de alguém para falar sobre a morte e assim elaborar seu luto, entretanto isso deve ser feito com cuidado, pois, as capacidades cognitivas de se entender tal fato são diferentes a cada idade, mas o apoio se torna preciso para que a criança não se sinta isolada e desamparada.

As crianças representam a morte como algo de caráter biológico, já que colocam a questão da decomposição do corpo após o enterro, demonstrando nessa fala que o que elas pensam sobre a morte é que todas as pessoas vão ser enterradas, discurso que reforça o fato de eles ligarem a morte muito as representações sociais e culturais e respeitando a tradição que lhes é passada através da religião, em que os rituais estão diretamente relacionados aos valores cultivados pelos indivíduos tendo uma representação de crenças e atitude.

O discurso da religiosidade é muito forte, ficando evidente quando os entrevistados reforçam a ideia de que após a morte o sujeito será destinado a algum lugar, ainda que exista a dúvida de para onde o sujeito irá, e esse lugar sempre sendo representado pelo céu ou inferno, mais um caráter que identifica a força da religiosidade na culturas desses sujeitos, e que a determinação para qual lugar você vai após morrer, entre um lugar ruim e um lugar bom, vai se dar por suas atitudes e valores cultivados em vida, e se nota que os valores que são considerados corretos e dignos de alcançar o mérito de estar em um ambiente agradável após a morte é certamente determinado por a religião e cultura.

Assim como o sofrimento que é demonstrado pelos participantes quando passam por essa perda, já que fica claro que a cultura ocidental traz esse aspecto de sofrimento perante a perda de um ente querido, e mesmo os que nunca passaram já esperam ter esse sentimento e a certeza de que um dia vai passar por isso e um dia vai ser o autor desse momento. As crianças desse estudo mostraram entendimento sobre a morte, sempre respondendo às perguntas sem hesitação, discorrem sobre a morte desde o falecimento, os rituais, a decomposição e a possibilidade de lugares sobre

os quais as pessoas podem ir. Esses pensamentos correspondem com a faixa etária que o grupo está inserido (entre 9 a 11 anos). As crianças falam com simplicidade de algo muitas vezes considerado complexo, explicam à sua maneira e a partir de suas vivências o que compreendem sobre a morte.

Percebemos ainda nos discursos das crianças alguns outros temas estudados na logoterapia, como por exemplo, na última questão em que se evidencia a importância que as crianças dão aos valores vivenciais, quando elas ressaltam a relevância de se estar próximas às pessoas e de alguma forma deixar as pessoas felizes.

O ser humano é único animal que tem consciência de sua própria finitude, tal fato, muitas vezes molda a forma como vivenciamos nossa existência, muitas vezes negando a morte ou tentando viver cada dia de forma única e significativa. Tal fato só reforça a impossibilidade de vivermos sem que de alguma forma estejamos envolvidos com a nossa finitude e a finitude de quem nos rodeia, por isso, estudos sobre tal tema se faz importante, pois, através desses se torna possível falar da morte com mais naturalidade e como algo inerente a vida, tal como ela é.

REFERÊNCIAS

CAZENAVE, Michel. **Encyclopédie des symboles**. Paris: Le livre de poche, 2000.

D'ALFONSO, Pedro G. **Símbolos e inconsciente personal**: El Warteggproyektivo. Buenos Aires: Libreria "El Ateneo" Editorial, 1988.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Polonia, Ana da Costa. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Paidéia, 2007, 17(36), 21-32.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Coutinho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (coleção biblioteca universal).

DURAND, Yves. **L'exploration de L'imaginaire**; Introduction à la modélisation des UniversMythiques. Paris: L'espacebleu, 1988.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido de vida**. São Paulo: Ed. Quadrante, 1973.

_____. **A Presença Ignorada de Deus**. 7ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

GONDIM, M. G. FISCHER, T. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. *In: Rev. Cadernos Gestão Social*, v.2, n.1, p.09-26, set.-dez. 2009.

HOHENDORFF, Jean Von; Melo, Wilson Vieira de. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. **Estud Pesqui Psicol** 2009; 9(2):480-492.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOVACS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KROEFF, Paulo. Logoterapia, sentido da vida e a tríade trágica: sofrimento, culpa e morte. *In: Logoterapia e Existência: A importância do Sentido da Vida*. Evangraf, 2014.

KROEFF, Paulo.(Org). Finitude e Sentido da Vida: A logoterapia no embate com a tríade trágica. Porto Alegre: Evangraf, 20014.

LEFÈVRE, A. M. C. CRESTANA, M. F. CORNETTA, V. K. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU", São Paulo – 2002. *In: Rev. Saúde e Sociedade*, v.12, n.2, p.68-75, jul-dez. 2003.

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *In: Rev. Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez. 2006.

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A. M. MARQUES, M. C. C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *In: Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 14(4):1193-1204. 2009.

LUKAS, E. **Logoterapia**:A força desafiadora do espírito. Santos-SP: Loyola, 1989.

MARTÍNEZ, C. M. Aportes a la psicoterapia com niños: orientando haciael sentido de la vida. IN: VALIENE, S. S. **Logoterapia em acción: aplicacionesprácticas**. Buenos Aires: San Pablo, 2009.

NUNES, Deise Cardoso et al . As crianças e o conceito de morte. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 11, n. 3, p. 579-590, 1998 .

PAREJA HERRERA, Guillermo. **Viktor Frankl: comunicación y resistencia**. Buenos Aires. San Pablo, 2007.

RAMOS, F. B. SENGRİK, A. S. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 379-387, 2013.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Concepção de morte na infância. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.

VENDRUSCOLO, J. Visão da criança sobre a morte. **Medicina Ribeirão Preto**, 38 (1): 26-33, 2005.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Medicina (Ribeirao Preto. Online)**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 26-33, mar. 2005. ISSN 2176-7262.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.